



territorium • 26(I)

REVISTA INTERNACIONAL DE RISCOS | INTERNATIONAL JOURNAL OF RISKS

INCÊNDIOS FLORESTAIS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

2019

XII ENCONTRO NACIONAL DE RISCOS

Luciano Lourenço

Departamento de Geografia e Turismo, NICIF, CEGOT e RISCOS
 Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra (Portugal)
 ORCID 0000-0002-2017-0854 luciano@uc.pt

147

Ana Gomes

Centro de Investigação da Terra e do Espaço
 Universidade de Coimbra (Portugal)
 ORCID 0000-0001-7005-4870 ana.im.gomes78@gmail.com

Após a reformulação introduzida na periodicidade com que passaram a realizar-se as diferentes reuniões científicas da RISCOS (Congressos Internacionais, Simpósios Ibero-Afro-Americanos, Encontros Nacionais,...) e tendo em conta que a realização dos Encontros Nacional de Riscos se passou a revestir de carácter anual, associado a um evento que permita “Aprender com o passado”, o próximo Encontro irá decorrer em Faro, no Auditório da Escola Secundária João de Deus, a 27 de abril de 2019, sob a temática do “Risco sísmico. Aprender com o passado” (fig. 1).

A razão que presidiu à escolha do tema teve a ver com o facto de Portugal, ao longo da sua história, ter sido palco de diversos eventos sísmicos dos quais se destaca o tremor de terra de 1755, com maremoto associado, o qual provocou a destruição de Lisboa e causou elevados danos na região algarvia e do golfo de Cádiz e um profundo abalo na consciência política e social da altura. As medidas levadas a cabo por Marquês de Pombal para a reconstrução da capital do país foram inovadoras e de reconhecido mérito.

Todavia, depois disso, Portugal foi afetado por mais eventos sísmicos catastróficos, com perdas humanas e elevados danos materiais.

O tremor de terra que ocorreu ao final da tarde do dia 23 de Abril de 1909, com origem no sistema de falhas do Vale do Tejo e que afetou especialmente a região de Benavente e Samora Correia, foi o que causou maior número de vítimas no século XX em Portugal, enquanto que o sismo de 28 de Fevereiro de 1969, com epicentro a cerca de 200 km a sudoeste de Sagres e sentido em todo o país, foi o de maior magnitude desse século.

Ora, quando se fala no sismo de Benavente, é incontornável não falar de um grande geólogo, Léon Paul Choffat, pois a ele se deve a primeira carta macrossísmica de Portugal, efetuada com base nos efeitos sentidos devido ao evento de 23 de Abril de 1909, assim como vários dos trabalhos que constituíram a base de muitos outros estudos sobre a Geologia de Portugal. Paul Choffat, tendo nascido a 14 de Maio de 1849 na Suíça, veio para Portugal em 1878. onde residiu até à sua morte a 06 de Junho de 1919.



Fig. 1 - Reprodução do cartaz de divulgação do XII Encontro Nacional de Riscos.

Fig. 1 - Reproduction of the poster of the XII National Meeting of Risks.

Outro importante tremor de terra, registado na região de Pokuplje, situada 39 km a sueste de Zagreb, a 8 de Outubro de 1909, por isso, também há 110 anos, permitiu a Andrija Mohorovičić a descoberta de uma descontinuidade nas propriedades mecânicas dos materiais geológicos, que marca a transição entre a crosta e o manto da Terra. Ganhou fama ao postular a existência dessa descontinuidade, ao ponto de ter ficado conhecida como descontinuidade de Mohorovičić, ou simplesmente de Moho.

Por todas estas razões, a escolha temática para o XII Encontro Nacional de Riscos não poderia ser outra que

não a do Risco Sísmico, não só pelas efemérides relativas aos tremores de terra de Benavente e de Pokuplje (110 anos), bem como do sismo de 1969 (50 anos), mas também pelas celebrações dos 110 anos da descoberta da descontinuidade de Moho e dos 100 anos da morte de Paul Choffat, pelo que está em causa a junção de muitas memórias num único ano.

Por outro lado, o local escolhido para a sua realização poderia ser qualquer um dos mais significativos em termos de risco sísmico. A primeira hipótese foi a da sua realização em Benavente, mas a Câmara Municipal entendeu não se associar a esta iniciativa e, por conseguinte, pensou-se noutra local. Também faria sentido que pudesse realizar-se em Lisboa, mas tendo em conta que o último Encontro Nacional de Riscos ocorreu nessa cidade e como importa ir variando, optou-se pelo Algarve, uma vez que em conjunto com o vale do Tejo, é uma das regiões com maior sismicidade, em Portugal continental.

Acresce, ainda, em termos da escolha temática, que a reflexão à volta das manifestações do risco sísmico permite juntar várias áreas do conhecimento e da sociedade, por forma a refletir sobre o que aprendemos com o passado, analisar as melhorias verificadas desde

então e perceber o que ainda é necessário fazer para potencializar a resiliência das populações.

Assim, com a realização deste encontro pretende-se colocar a comunidade científica, os agentes de proteção civil, os órgãos de soberania regionais/locais, os professores e a população em geral, a refletir sobre o que fazer em caso de catástrofes deste tipo, aprendendo com o passado para melhorar o presente e o futuro, tomando consciência de que, cada dia que passa, estamos mais próximos de um evento devastador.

Neste encontro irá discutir-se a forma como a sociedade encara estes fenómenos naturais e se está melhor informada e preparada para os enfrentar do que estava no passado. Ir-se-á refletir também sobre o modo como estes conteúdos são abordados atualmente nos diversos níveis de ensino não superior, sobre a forma como tais conceitos são apreendidos pelos alunos e sobre como agir para incutir à sociedade a necessidade de a tornar mais resiliente a tais riscos geológicos.

A história da ciência, assim como os seus protagonistas, têm um papel fundamental na evolução do conhecimento, razão pela qual esta temática também fará parte integrante do Encontro, por forma a complementar e consolidar toda a aprendizagem decorrente do passado.